

A história, e as histórias, em algumas cartas de Ernest Hemingway na Paris de 1920

*The history, and the stories, in some letters of Ernest Hemingway
written in Paris in the twenties*

Luís Roberto Amabile¹

¹ Mestre em Teoria da Literatura/Escrita Criativa na PUCRS; doutorando na mesma instituição; bolsista CNPq.
luis.souza.002@acad.pucrs.br.

RESUMO: Ernest Hemingway tornou-se um escritor em Paris na década de 1920. O estilo do futuro laureado com o Nobel forjou-se na capital francesa, para onde ele se mudou no final de 1921. Na época, Paris mostrava-se o coração do florescente modernismo e atraía os principais artistas, o que possibilitou a Hemingway entrar em contato com um caldo cultural que amoldou a sua formação como escritor. Este artigo investiga as cartas escritas por Hemingway nos três primeiros meses de sua estada parisiense, que constam no primeiro volume de sua correspondência reunida: *The Letters of Ernest Hemingway – Volume 1, 1907-1922*. A partir de pressupostos do historiador Michel de Certeau e do especialista em epistolografia Marcos Antonio de Moraes, realiza-se uma recuperação histórica do período, acionando bastidores do sistema literário, formular apontamentos sobre as relações travadas por Hemingway e rememorando os lugares citados na correspondência.

PALAVRAS-CHAVE: Ernest Hemingway; Gênero epistolar; Historiografia literária.

ABSTRACT: Ernest Hemingway became a writer in Paris in the 1920's. The style of the future Nobel laureate was forged in the French capital, where he moved at the end of 1921. At the time, Paris was the heart of modernism and attracted major artists, which allowed Hemingway to keep contact with a cultural broth that shaped his training as a writer. This paper investigates the letters written by Hemingway in the first three months of his Parisian stay, contained in the first volume of his collected correspondence: *The Letters of Ernest Hemingway - Volume 1, 1907-1922*. The theoretical basis is taken from French historian Michel de Certeau and Brazilian expert in epistolography Marcos Antonio de Moraes. The goal of this paper is to carry out a historical recovery of the period, examining the literary system, determining the relationships established by Hemingway and remembering the places mentioned in the correspondence.

KEYWORDS: Ernest Hemingway; Epistolary genre; Literary historiography.

1 A história da literatura (em Paris) como uma boneca russa

Nenhuma outra cidade tem sido associada de forma tão constante e profunda com o desenvolvimento e estabelecimento de formas literárias e de ideias sobre a cultura quanto Paris, afirma o *The Cambridge Companion to the Literature of Paris*. Imaginemos então a história da literatura na capital francesa como uma *matrioshka*, uma boneca russa, aquela que guarda dentro de si uma série de outras bonecas colocadas umas dentro das outras¹. Paris contém várias histórias das literaturas². Para imaginar algumas, basta flunar pela cidade reparando nos edifícios com placas indicando que determinado autor morou num dos apartamentos; ou elencando o número de autores clássicos (Alexandre Dumas, Victor Hugo, Émile Zola...) enterrados no Panthéon; ou no cemitério de Montparnasse (Julio Cortázar, Susan Sontag, Eugene Ionesco...); ou fazendo na ronda dos cafés onde já confabularam – entre vários outros “istas” – os modernistas.

O modernismo é uma das bonecas que habitam a *matrioshka* literária parisiense. Na década de 1920, Paris era o centro intelectual do mundo, coração do florescente modernismo. Como escreve William Wiser (1993), a cidade atraía os principais escritores, pintores, músicos e bailarinos, muitos dos quais exilados da Rússia comunista e dos EUA sob a lei seca, o que originou um período único da história parisiense. A capital francesa, na década de 1920, mostrou-se a supercidade do modernismo, concentrando, segundo Malcolm Bradbury, um caldo cultural e artístico que incluía toda uma geração de autores com veia experimentalista:

Após a guerra, num estado de ruína econômica e moral, Paris conservava a atmosfera, as instituições adequadamente fluidas, mas semipermanentes, necessárias aos jovens escritores. Na verdade, ela se tornou, tanto em seu caos como em sua continuidade, a cidade cosmopolita ideal, culta, tolerante, febril, ativa, radical, mas controlada. (BRADBURY, 1989, p. 82).

A literatura modernista em Paris daria uma volumosa história da literatura (o *The Cambridge Companion to the Literature of Paris*, uma reunião de artigos sobre as épocas mais relevantes da literatura na cidade, dedica um capítulo ao movimento), que por sua vez guardaria outras possíveis, que também conteriam outras possibilidades, que incubariam ainda outras... Falarei aqui de uma dessas inúmeras possibilidades. Da história de um daqueles jovens escritores – Ernest Hemingway, “um experimentador com a experiência e a forma modernas” (BRADBURY, 1991, p. 84).

Ernest Hemingway nasceu em 21 de julho de 1899. Suicidou-se em 2 de julho de 1961. Entre essas duas datas, tornou-se o escritor mais célebre de sua época. Produziu clássicos como *O sol também se levanta*, *Adeus às armas*, *Por quem os sinos dobram*, *O velho e o mar* e *Paris é uma festa*. Recebeu o Prêmio Nobel de 1954. Às vésperas do natal de 1921 – no dia 21 de dezembro –, quando chegou a Paris acompanhado de sua primeira mulher, Hadley, com quem recém se casara, Hemingway era um garoto de 22 anos que aos 18, em vez de ir para universidade, como era o desejo de seus pais, foi trabalhar de repórter e depois se alistou para dirigir ambulâncias nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, na qual foi ferido e da qual voltou com condecorações e planos para se tornar um escritor. Em Paris, o futuro vencedor do Nobel planejava manter-se como correspondente do jornal canadense *Toronto Star* (sua mulher também contribuiria com uma quantia mensal advinda de rendimentos bancários), vivendo sem luxo, lendo e escrevendo bastante enquanto tentava estabelecer-se como autor de literatura. Uma vez na França, Hemingway entrou em contato com aquele ambiente de intensa

¹ Também podemos considerar que Paris é, empregando uma expressão de Michel de Certeau (2000), um “imenso canteiro de obras”, ao qual um historiador – neste caso, um historiador literário – pode se dedicar.

² Uma vez que, atualmente, a parcialidade, a incompletude e a pluralidade devem ser assumidas por qualquer pesquisador, o raciocínio da *matrioshka* valeria para qualquer história da literatura.

criação, tendo convivido com grandes nomes das letras e amoldado sua formação como escritor. Ele deu sua versão do período em *Paris é uma festa*, porém, de acordo com o biógrafo Carlos Baker (1971), o que Hemingway disse ter acontecido provavelmente aconteceu, embora nem sempre como ele contou. Suas impressões da época também estão registradas em sua correspondência, que nos últimos anos ganhou relevância. Desde 2002, a *Pennsylvania State University* desenvolve o *Hemingway Letters Project*, que catalogou e compilou mais de 6 mil cartas do escritor, 85% delas inéditas. As missivas estão sendo publicadas em 16 volumes. Neste artigo investigarei as cartas do escritor nos três primeiros meses de sua estada parisiense, que constam no primeiro volume de sua correspondência reunida (*The Letters of Ernest Hemingway - Volume 1, 1907-1922*).

O historiador Michel de Certeau (2000, p. 78) avalia que o primeiro ato da pesquisa é separar, reunir documentos, num gesto que ele nomeia “distribuição cultural”. Segundo Certeau, “esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto” (Certeau, 2000, p. 80). A partir desse ponto de vista, os meus documentos serão as cartas, com as quais tentarei preencher algumas lacunas de um conjunto, nessa breve linha temporal e espacial por mim definida. Assim, pretendo formular apontamentos sobre as relações travadas por Hemingway logo ao chegar a Paris e rememorar os lugares citados na correspondência.

2 Duas em uma dúzia

O especialista brasileiro em epistolografia Marcos Antonio de Moraes (2009) afirma que, na teoria e nos estudos literários, a carta pode tanto servir para compreender melhor a obra e a vida do escritor quanto ser um texto

que teria lugar no reino da literatura. Dentro da primeira linha de trabalho, uma das possibilidades de estudo do gênero epistolar seria “procurar lançar luz sobre a movimentação nos bastidores do sistema literário” (MORAES, 2009, p. 126).

No primeiro volume da correspondência de Ernest Hemingway, há 12 missivas referentes aos três primeiros meses de sua vida na Europa. O destinatário mais frequente é seu amigo Howell G. Jenkins³, para o qual são destinadas três cartas. A Lewis Galantière, um estadunidense que morava em Paris e sobre o qual falarei mais adiante, foram endereçados dois bilhetes. A família Hemingway mereceu quatro cartas. Uma é sobrescrita para toda a família. Seu pai – Clarence –, sua mãe – Grace Hall – e uma de suas irmãs – Marcelline – receberam uma carta cada um, assim como a amiga Katharine Foster Smith. Nessas missivas, Hemingway conta da viagem de navio dos EUA à França, da felicidade dos primeiros tempos do casamento, de Paris ser barata e, para ele, deslumbrante, de suas atividades de jornalista e de como ele e Hadley passaram boa parte de janeiro aproveitando a neve nos Alpes suíços. O que percebemos aqui é um jovem entusiasmado com sua nova vida, contudo, o foco nunca é literatura.

O panorama muda nas duas cartas enviadas ao escritor Sherwood Anderson⁴, e a elas vou me ater com mais detalhes. Anderson tinha 43 anos em 1921 e era uma das estrelas da cena literária dos EUA, particularmente devido aos contos de *Winesburg Ohio* (1919). Esteve em Paris em 1921, onde, além de se apaixonar pela cidade, fez bastante amizade com escritores que lá moravam. Tornou-se uma espécie de tutor para o jovem Hemingway em 1920, quando foram apresentados por amigos em comum. Anderson foi o

³ Jenkins serviu com Hemingway na equipe do serviço de ambulância da Cruz Vermelha na Primeira Guerra Mundial (REYNOLDS, 1988).

⁴ Ao lado de Theodore Dreiser, Edgar Lee Masters, and Carl Sandburg, Anderson foi um dos principais nomes da *Chicago literary renaissance*, período de (re) florescimento da literatura em Chicago (BROM, 1966).

grande incentivador da aventura parisiense de Hemingway. Escreveu-lhe cartas de apresentação⁵ e o convenceu (Hemingway pensava em voltar ao norte italiano, onde esteve locado durante a guerra) a ir à França, dizendo-lhe que Paris era a capital cultural do mundo e “em nenhum outro lugar, um aspirante a escritor poderia tão rapidamente entrar em contato com a vanguarda do seu tempo e aprender com ela” (REYNOLDS, 1988, p. 9). Um outro motivo para analisar as duas cartas para Anderson é temporal. É para ele que Hemingway envia as primeiras notícias de Paris, no dia 23 de dezembro, um dia depois de chegar à Cidade-Luz. Ele também escreve a Anderson no dia 9 de março, ou seja, quase três meses depois. Então, a partir dessas duas cartas pode-se fazer um balanço dos acontecimentos desse período filtrados pela ótica de Hemingway.

Uma vez em solo parisiense, Hemingway manda notícias a Sherwood Anderson e à esposa dele, Tennessee. Salvo alguma carta da qual não se saiba a existência, essas são as primeiras palavras que Ernest Hemingway escreveu em Paris:

23 December 1921
Dear Sherwood and Tennessee;

Well here we are. And we sit outside the Dome Café, opposite the Rotunde that's being redecoreated, warmed up against one of those charcoal braziers and it's so damned cold outside and the brazier makes it so warn and we drink rum punch, hot and rhum enters into us like the Holy Spirit. (SPANIER/ TROGDON, 2011, p. 313)

O parágrafo mostra que assim que pisou na cidade ele se dirigiu para os cafés Le Dôme e La Rotonde⁶, dois redutos da comunidade exilada, que

⁵ Nas cartas de apresentação, Anderson recomendava Hemingway como sendo um jovem talentoso e agradável.

⁶ Para constar: o Le Dôme e o La Rotonde continuam lá, firmes e fortes, mesmo que agora mais pontos turísticos do que redutos intelectuais.

ficou conhecida como expatriados. Os expatriados eram a fauna (usando um termo empregado por Hemingway) estrangeira que morava em Paris na década de 1920. Chegavam atraídos por três coisas: a reputação liberal da cidade, o custo de vida (um dólar valia cerca de 12 francos franceses) e o fato de a França não ter restrição ao consumo de álcool, ao contrário dos Estados Unidos, onde prevalecia a Lei Seca⁷. Artistas marginais, ricos ociosos, pintores e escritores sérios, jovens arruaceiros, músicos de jazz e dançarinos compunham essa fauna que ocupava a chamada margem esquerda do rio Sena, onde moravam, trabalhavam e se divertiam. A comunidade é retratada por Hemingway em *O Sol também se levanta*, no qual Jack Barnes, o narrador-protagonista, descreve o que seria o território expatriado em Paris⁸. Apesar de logo ter se integrado com os escritores e também ser freqüentador dos cafés, Hemingway criticaria os expatriados em texto publicado no *Toronto Star* em 25 de março de 1922, classificando quase todos como inúteis⁹.

⁷ Nos EUA, o álcool era ilegal desde 1919, quando foi promulgada a Lei Volstead, mais conhecida como Lei Seca, que duraria até 1933 (REYNOLDS, 1988).

⁸ Atravessamos a ponte e seguimos pela Rue Cardinal Lemoine, uma ladeira, que subimos, toda, até a Place Contrescarpe. Os arcos de luzes brilhavam através das folhas das árvores, na praça e sob as árvores. Havia um ônibus de dois andares prestes a sair. Do Nègre Joyeux vinha o som da música e pela vitrine do Café des Amateurs distingui o longo balcão de zinco. Fora, na terrase, bebiam operários. Na cozinha aberta, uma pequena fritava batatinhas. Havia também uma panela de cozido e a pequena servia um velho que, de pé, tinha na mão uma garrafa de vinho tinto.

Quer beber alguma coisa?

Não – disse Bill. – Não preciso.

Voltamos à direita, saindo da Place Contrescarpe, ao longo de ruas estreitas e planas, de antigas casas, altas, de ambos os lados. Algumas casas tinham saliências para a rua, outras eram reentrantes. Fomos dar na Rue Pot-de-Fer, seguindo por ela até o rígido cruzamento norte-sul da Rue Saint-Jacques para o lado sul, passando o Val-Grace, retrocedendo, atrás do pátio e da grade de ferro, rumo ao Boulevard Port-Royal.

Onde quer ir? – perguntei. – Ao café encontrar Brett e Mike?

Pode ser.

Seguimos pelo Port-Royal até chegar a Montparnasse, passamos pelo Lilas, o Lavigne, todos os pequenos cafés, depois o Damoy's, atravessamos a rua, em direção ao Rotonde, e, passando por suas luzes e mesas, chegamos ao Select (HEMINGWAY, 1980, p. 83/84).

⁹ “Gastam a energia que um artista usa no seu trabalho criador, limitando-se a falar incessantemente sobre o que vão fazer e a condenar o trabalho de todos os artistas que já ganharam alguma notoriedade. Falando sobre arte, essa gente obtém a mesma satisfação que o verdadeiro artista obtém no seu trabalho” (HEMINGWAY, 1969, p. 36).

Vejamos outro trecho da primeira carta que Hemingway mandou de Paris:

Bones is out in it now and I've been earning out our daily bread on this write machine. In a couple of days we'll be settled and then I'll send out the letters of introduction like launching a flock of ships (grifo meu). So far we haven't sent'em out because we've been walking the streets, day and night, arm through arm, peering into courts and stopping in front of little shop windows. The pastry'll kill Bones eventually I' am afraid. She's a hound for it. Must have always been a suppressed desire with her I guess. (SPANIER/TROGDON HEMINGWAY, 2011, p. 313)

As cartas de apresentação que ele pretendia enviar “como se fossem uma frota de navios” são para Gertrude Stein, Ezra Pound, Sylvia Beach e Lewis Galantière. Todos eram amigos de Sherwood Anderson e todos seriam essenciais nos primeiros tempos de Hemingway na capital francesa. Pound, Stein e Beach virariam personagens de *Paris é uma festa*, obra que, ao ser lançada postumamente em 1964, seria resenhada com elogios no *The New York Times* por Lewis Galantière¹⁰. A carta para Galantière, um intelectual¹¹ – foi tradutor, dramaturgo e jornalista – de ascendência francesa, nem precisou ser enviada por Hemingway. Galantière foi avisado por Sherwood Anderson de que um jovem talentoso estava se mudando com a esposa para a cidade e logo quis conhecê-lo, como relata Hemingway:

¹⁰ A resenha, aliás, também contém uma descrição do que seria o ambiente da época: “Hemingway carried letters from Sherwood Anderson (doubtless from others, too), but in that small tranquil world there was no need of formal introduction. “Everybody” frequented the same half-dozen cafés, ate in one or another of the same score of restaurants. Acquaintance was easily made, talk was on matters of common interest; for this generation, still in the temper of “art for art’s sake,” ideological passions were as yet unknown. Artists and writers were a united family and nothing more than the conventional contempt for the bourgeoisie inherited from the romantics of 1830 divided them off from the rest of the world”. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/books/99/07/04/specials/hemingway-moveable.html>>.

¹¹ Galantière trabalhou morou em Paris de 1920 a 1927 em função de um emprego na Câmara Internacional de Comércio (BAKER, 1971).

We had a note from Louis Galantière this morning and will call on him tomorrow. Sherwood's note was here at Hotel when we got in. It was awfully damned nice of you to send it. We were feeling a little low and it bucked us up terrifically. The Jacob is clean and cheap. The restaurant of the Pre aux Clercs at the corner of the Rue Bonaparte and Rue Jacob is our regular eating place. Two can get a high grade dinner there, with wine, a la carte for 12 francs. We breakfast around. Usually average about 2.50 F. for breakfast. Think things are even cheaper than when you all were here. (SPANIER/TROGDON, 2011, p. 313)

No trecho também fica evidente o baixo custo de vida numa França que ainda se recuperava da Primeira Guerra. Reparemos que são citados lugares frequentados pelo casal Hemingway – lugares aos quais um adepto de viagens literárias (como é o meu caso) sempre fica atento, mesmo que não seja para uso acadêmico. A rua Jacob é pequena e fica entre a igreja de St. Germain-de-Prés e o Sena. Ali se localizava o Hotel Jacob e d'Anglaterra. O prédio ainda existe e lá ainda funciona um hotel, que agora se chama apenas d'Anglaterra. Tem uma entrada em arco e janela-porta envidraçadas de alto a baixo, com balcões em arabescos de ferro. O lugar foi indicado a Hemingway por Anderson. Quando chegaram, Hemingway e a esposa não tinham muita bagagem, haviam deixado quase tudo armazenado em Oak Park. Aquela noite de 22 de dezembro de 1922, após guardar as malas no hotel, saíram em busca de um restaurante. Não precisaram andar muito. Na própria rua Jacob, no cruzamento com a rua Bonaparte, simpatizaram com o Le Pré aux Clercs. Fizeram sua primeira refeição parisiense, o que é possível repetir hoje em dia, pois o restaurante continua funcionando no mesmo lugar.

O Hotel Jacob e d'Anglaterra foi residência do casal Hemingway por cerca de três semanas. No começo de janeiro de 1922, com a ajuda de Lewis Galantière, eles alugaram um apartamento na rua Cardinal Lemoine, uma via calçada de pedras no V arrondissement, que sobe (ou desce) a Montagne Sainte-Geneviève, uma das três colinas de Paris (as outras são Montparnasse e Montmartre).

O V arrondissement é essencialmente o Quartier Latin, o velho bairro onde, na Idade Média, surgiu a Universidade de Paris, em que somente se falava latim, daí o nome do bairro. Até hoje o Quartier Latin mantém a fama de ser o bairro dos intelectuais; não por acaso, ali fica a Sorbonne.

A rua Cardinal Lemoine, mesmo que não se trate da parte mais valorizada da região, é hoje um lugar de classe média, repleta de livrarias e restaurantes. Em 1922, era uma área proletária, com comércio e cafés baratos. O casal Hemingway morava no número 74, em um quarto e sala conjugados, com lareira, no terceiro andar. Apesar de pequeno, o apartamento comportaria um piano para Hadley. Ao lado da porta estreita e alta do prédio (que também tem uma mansarda com janelinha que parecem escapadas do telhado), uma placa informa que Hemingway morou ali e uma citação, na verdade, a epígrafe, de *Paris é uma festa*: “Essas são as lembranças de como Paris costumava ser, quando éramos muito pobres e muito felizes”. No livro, também há uma descrição do local¹², que também é assunto, como se poderia esperar, nas cartas que Hemingway escreve aos familiares e aos amigos. Na que endereça a toda a família, escrita no fim de janeiro (a missiva não está datada), ele não contém a empolgação:

And is the jolliest place you ever saw. We rented it furnished for 250 francs a month, about 18 dollars and have a femme du ménage who cooks dinner for us every night. [...] It is the most comfortable and cheapest way to live and Bones has a piano and we have all our pictures up on the walls and an open fire place and a peach of a kitchen and a dinning room and big bed room and dressing room and plenty of space. It is on top of a high hill in the very oldest part of Paris. The nicest part of the Latin quartier. (SPANIER/ TROGDON, 2011, p. 319)

¹² Nosso apartamento na rua do Cardinal Lemoine era de dois quartos, não tinha água quente nem sanitário próprio, exceto um receptáculo antisséptico, não de todo desconfortável para alguém que, como eu, estava acostumado a uma privada fora de casa, em Michigan. Com uma linda vista, um bom colchão de molas no chão, como leito confortável, e nas paredes os quadros de que gostávamos, era um apartamento alegre, acolhedor (HEMINGWAY, 1969, p. 17).

Esse trecho corrobora a afirmação de Carlos Baker¹³ de que a questão da verdade paira sobre *Paris é uma festa*. Nas suas “lembranças de quando era pobre e feliz”, Hemingway frisa em vários momentos as dificuldades financeiras. Num dos capítulos – “A fome como boa disciplina” –, conta que mentia à mulher que já tinha almoçado para deixar mais comida a ela e ao filho¹⁴. Ora, essa situação não condiz com a relatada nas cartas, nas quais se lê que o casal (que ainda não tinha um filho) pagava até uma faxineira e cozinheira. Isso sem contar as viagens que nunca deixaram de empreender.

3 Frota de navios enviada

Essa mesma carta à família foi escrita da Suíça, onde Hemingway passou aproximadamente duas semanas, com Hadley, na localidade alpina de Les Avants. Apesar de terem acertado o aluguel do apartamento no início de janeiro, eles só se mudaram ao voltar da viagem, no fim do mês. Assim que estava estabelecido em Paris, agora com endereço fixo, Hemingway resolveu usar as cartas de apresentação. Procurou primeiramente Ezra Pound e Gertrude Stein, cujo apartamento servia de espécie de salão literário, apesar de ela nem de longe ter o mesmo trânsito entre os editores que Pound. Assim como Pound, Stein mostrou-se solícita em tutorar Hemingway. É o que ele relata em carta de 14 e 15 de fevereiro para sua mãe, Grace Hall:

¹³ Apesar de seu valor como um registro pessoal por um escritor muito conhecido sobre os tempos em que sua carreira estava começando e, também, apesar do interesse que tais reminiscências possa ter para as futuras gerações, a questão da verdade do relato de Hemingway paira sobre todo o livro (BAKER 1971, p. 392).

¹⁴ “Se você não se alimentava bem em Paris, tinha sempre uma fome danada, pois todas as padarias exibiam coisas maravilhosas em suas vitrinas e muitas pessoas comiam ao ar livre, em mesas na calçada, de modo que por toda a parte via comida ou sentia o seu cheiro. Se você abandonou o jornalismo e ninguém nos Estados Unidos se interessa em publicar o que está escrevendo, se é obrigado a mentir em casa, explicando que já almoçara com alguém, o melhor que tem a fazer é passear nos jardins do Luxembourg, onde não via nem cheirava comida, desde a *Place de l’Observatoire* até a *rue de Vaugirard*” (HEMINGWAY, 1969, p. 27).

Gertrude Stein who wrote *Three Lives* and a number of other good things was here to dinner last night and stayed till mid-night. She is about 55 I guess and very large and nice. She is very keen about my poetry – My corona typewriter is being repaired. The femme de ménage knocked of my writing table while she was cleaning and I don't get it until tomorrow. (SPANIER/TROGDON, 2011, p. 318)

Segundo os editores de *The Letters of Ernest Hemingway*, essa carta era desconhecida dos acadêmicos, que até então só podiam supor que o primeiro encontro entre Hemingway e Stein tivesse sido no começo de fevereiro. A missiva é então a prova de que foi nesta data.

Stein tinha 49 anos e não 55 como Hemingway supôs. A escritora mudou para Paris em 1903 com seu irmão Leo. Foram morar na rua de Fleurus, 21¹⁵; quando Leo partiu anos mais tarde, Stein ficou no mesmo endereço e passou a viver com sua companheira, Alice B. Toklas.

Lugar de peregrinação, principalmente para artistas jovens, o apartamento de Stein podia ser classificado de suntuoso; adornado por uma coleção de quadros de pintores modernos – Stein tinha uma teoria que se deveria deixar de comprar roupas para comprar quadros. Os próprios pintores, do calibre de Picasso, Braque e Matisse, faziam-lhe freqüentes visitas.

Apesar da amizade de Hemingway e Stein não ter terminado de maneira satisfatória – ele a retrata com crueldade em *Paris é uma festa*, ela o ironiza em *A autobiografia de Alice B. Toklas* – eles se deram muito bem durante alguns anos, tanto que Stein foi escolhida como madrinha do filho de Hemingway e Hadley, em 1924, e forneceu ao escritor a famosa epígrafe de *O sol também se*

levanta (1926): “Vocês fazem todos parte de uma geração perdida”, que acabou por ser como ficou conhecida – A geração perdida – o grupo de escritores estadunidenses expatriados no pós-Primeira Guerra. Nos primeiros tempos em Paris, Hemingway ganhou passe livre ao apartamento. Stein sempre o recebia com alegria, oferecendo-lhe aguardente de boa qualidade. Ela julgou as primeiras histórias de Hemingway, deu-lhe conselhos e indicou-lhe caminhos, como trabalhar o efeito da repetição de palavras no texto. Na segunda carta que envia a Sherwood Anderson, Hemingway relata que vive uma espécie de irmandade com Stein: “Gertrude Stein and me are just like brothers and we see a lot of her” (SPANIER/TROGDON, 2011, p. 330).

Datada de 9 de março de 1922, a missiva com Hemingway anunciando que muitas coisas aconteceram (presumidamente desde a carta anterior, de 23 de dezembro de 1921). Faz elogios a Stein e ao prefácio que Anderson escreveu para um livro dela então prestes a ser publicado (*Geography and plays*, lançado em 1922). A seguir, enaltece a nova obra de James Joyce: “Joyce has a most god-damn wonderful book. It'll probably reach you in time” (SPANIER/TROGDON, 2011, p. 331).

A obra em questão era *Ulisses*, que foi editado pela primeira em Paris, por Sylvia Beach, a proprietária da Shakespeare and company, um “centro literário que magneticamente atraiu artistas do mundo todo” (FITCH, 1983, p. 412). Um misto de livraria e biblioteca, com sistema de assinatura e pagamento de taxa por livros emprestados, a Shakespeare and company funcionou como um ponto de encontro de algumas das mais famosas personalidades literárias de seu tempo, principalmente os de língua inglesa, aos quais Beach estava sempre interessada em divulgar. Hemingway foi acolhido por ela desde o início, tendo recebido alguns privilégios, como prazos maiores e preços menores, ao tomar livros emprestados. Com o tempo, ele passou a usar a Shakespeare and company como endereço comercial-literário.

¹⁵A rua de Fleurus começa defronte o portão oeste do Jardim du Luxembourg, cruza o bulevar Raspail e acaba na rua Notre-Dame-des-Champs. Reta no início, mas terminando em curva, é principalmente residencial, pouco movimentada, com carros estacionados com dois pneus sobre a calçada e com poucos cafés. O número 21 tem portada em arco encimada pela cabeça de uma figura greco-romana contornada por ramos de acanto. Uma placa registra a ex-moradora ilustre.

Em *Paris é uma festa*, ele descreve a livraria como “...um lugar acolhedor e alegre, com um grande fogão aceso no inverno, mesas e estantes de livros, novidades na vitrina e, nas paredes, fotografias de famosos escritores vivos e mortos” (HEMINGWAY, 1969, p. 35). Por sua vez, Sylvia Beach, em seu livro de memórias, conta que Hemingway lhe inspirou “a mais calorosa amizade desde o dia em que nos conhecemos”¹⁶ (BEACH, 2004, p. 107). Naquele momento, Beach capitaneava a publicação de *Ulisses*. Ela se ofereceu para trazer à luz o romance de Joyce quando as portas do mercado editorial de língua inglesa se fecharam de vez para o livro após a condenação por indecência e pornografia das responsáveis pela revista estadunidense *The Little Review* por terem divulgado trechos de *Ulisses*. Joyce, a conselho de Ezra Pound, estava vivendo em Paris e conheceu Hemingway na Shakespeare and company. Com o tempo ficaram amigos e, acreditando-se no que consta em *Paris é uma festa*, os dois escritores às vezes se encontravam para beber juntos. A primeira edição de *Ulisses* começou a ser vendida na Shakespeare and company em 2 de fevereiro de 1922 – ou seja, pouco mais de um mês antes da carta de Hemingway elogiando o livro.

Hemingway satiriza a suposta pobreza de Joyce: “Meantime the report is that he and all his family are starving but you can find the whole celtic crew of them every night in Michaud’s¹⁷ where Binney and I can only afford to go about once a week” (SPANIER/ TROGDON, 2011, p. 331). No parágrafo seguinte, conta que Stein lhe disse que Joyce a faz lembrar de uma velha

irlandesa que conheceu certa vez. A velha reclamava de tudo, tanto que reclamou até quando o seu filho ficou rico¹⁸.

No decorrer da carta, Hemingway também não poupa palavras sobre Ezra Pound, de quem já havia ficado amigo. No começo da década de 1920, Pound era um nome influente na literatura de língua inglesa, tanto por seus poemas como por seus ensaios, mas também por ser o protótipo do agitador cultural. Desde 1908 tinha fixado residência na Europa, primeiro em Londres, onde ficou até o final de 1920, quando então se mudou para Paris. Pound editou e foi consultor de revistas de vanguarda, organizou antologias, escreveu manifestos e liderou movimentos¹⁹. Morava com a mulher num estúdio no número 70 da rua Notre-Dame-des-Champs, uma via tranqüila, que começa na estação St-Placide, segue fazendo curvas, e termina no bulevar St-Michel. Logo após se conhecerem, Hemingway e Pound fizeram um trato: Pound ajudaria o jovem escritor a melhorar seu estilo literário enquanto este o ensinaria boxe. No caso, a vantagem foi toda para Hemingway porque o poeta nunca se tornou eficiente no esporte. Na carta, Hemingway descreve a situação (que também valeu um capítulo em *Paris é uma festa*) com certo constrangimento:

I’ve been teaching Pound to box with little success. He habitually leads wit his chin and has the general grace of the crayfish or crawfish. He’s willing but short winded. [...] Besides it’s pretty sporting of him to risk his dignity and his critical reputation at something that he don’t know nothing about. (SPANIER/ TROGDON, 2011, p. 331).

¹⁶ *Em Shakespeare and Company – Uma livraria na Paris do entre-guerras*, seu livro de memórias, lançado em 1959, Sylvia Beach (2004, 107) reproduz a carta de apresentação de Hemingway escrita por Sherwood Anderson: “Escrevo-lhe esta nota para apresentá-la ao meu amigo Ernest Hemingway, que está indo morar em Paris com sua senhora, vou pedir-lhe que a coloque no correio ao chegar à cidade. O Sr. Hemingway é um autor norte-americano em contato instintivo com tudo digno de nota que se passa por aqui, e tenho certeza de que você vai considerar ambos pessoas encantadoras de se conhecer”.

¹⁷ O restaurante Michaud’s, na rua de des Saints-Pères 29, ainda existe; conserva o mesmo balcão, mas com outro nome, Le comptoir des Saints-Pères. Joyce morava com a família na vizinha rua de L’Université 9 (FITCH, 1983).

¹⁸ Gertrude Stein says Joyce reminds her of an old woman out in San Francisco. The woman’s son struck it rich as hell in Konydyke and the old woman went around wringing her hands and saying, “Oh my poor Joey! My poor Joeys He’s got so much money!” (SPANIER/ TROGDON, 2011, p. 331).

¹⁹ Pound havia estudado línguas e literaturas românicas e tinha uma “posição brilhante como o mais importante entre os poetas jovens” (HOMBERGER, 1989, p. 191). Colaborou com revistas como a *Little Review*, a *The Dial* e a *Poetry*. Escreveu o manifesto do Imagismo (1913), movimento do qual foi o líder, além de ter fomentado o Vorticismismo (COHEN, 2004).

Na missiva consta ainda que o poeta tinha escrito uma resenha elogiosa de *Ulisses* para a revista *The Dial* e que Pound também havia selecionado seis poemas de Hemingway e enviado com recomendação para Scofield Thayer, o editor-chefe da publicação, além de ter escolhido um texto em prosa para indicar a *Little Review*.

A *The Dial* era impressa nos Estados Unidos e durou de 1840 a 1929. Publicava ensaios, poesia e artes plásticas. Com frequência por intermédio de Ezra, entre os colaboradores figuravam nomes como Thomas Mann, TS Elliot (*The waste land* foi publicado na EUA primeiramente pela revista), Virginia Woolf, além de Van Gogh, Renoir, Matisse. A *The Dial* recusou os poemas de Hemingway (a *Little Review* publicou um texto dele no ano seguinte) em três ocasiões, o que fez com que ele criticasse seus editores pelo resto da vida (JOOST, 1968).

A carta contém mais algumas menções a personalidades do mundo literário: ao crítico francês Charles Le Verrier, que resenhou os livros de Sherwood Anderson, ao jornalista Griffin Barry e à dramaturga e poeta Edna St. Vincent, que estavam vivendo um caso conturbado e marcavam presença nos cafés (eles são retratados de modo sarcástico). Hemingway também já expressa uma angústia que o acompanharia por alguns anos: “This goddam newspaper stuff is gradually ruining me – but I’m going to cut it all loose pretty soon and work for about three months” (SPANIER/TROGDON, 2011, p. 331). A frase revela que ele já se via como escritor, muito mais do que como jornalista, mesmo que ainda não tivesse publicado nenhum texto literário.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi formular apontamentos sobre as relações travadas por Ernest Hemingway, então um jovem aspirante a escritor, em seus primeiros tempos em Paris, entre dezembro de 1921 e os meses iniciais

de 1922. A partir de pressupostos de Michel de Certeau (2000), utilizei como documentos de pesquisa para esse pequeno exercício de historiografia literária as cartas escritas por Hemingway durante os três primeiros meses de sua aventura parisiense.

Como se pode constatar, a correspondência de escritores, a exemplo do que afirma Marcos Antonio de Moraes (2009), é um rico manancial de fontes sobre a cena cultural do período em que foram escritas, sendo úteis para acionar bastidores do sistema literário e até sendo capazes de promover releituras da vida e da obra dos autores. Servem também para rememorar os locais frequentados pelos escritores.

Através das cartas aqui analisadas, contidas em *The Letters of Ernest Hemingway – Volume 1, 1907-1922*, foi possível, por exemplo, determinar quando Hemingway e Gertrude Stein se encontraram pela primeira vez. Também fica claro que, uma vez em Paris, Hemingway de imediato entrou em contato com efervescência cultural da capital francesa, convivendo intensamente com grandes nomes da literatura, tornando-se amigo e sendo tutorado por alguns deles.

As missivas também evidenciam que, mesmo tendo se mudado para a França com o pretexto de ser correspondente do jornal canadense *Toronto Star* e mesmo sendo ainda mais um jovem e desconhecido estadunidense em Paris, Hemingway desde logo passou a crer – e essa crença foi essencial ao longo do desenvolvimento da carreira – que para prosperar como escritor ele teria de conseguir dedicar-se, ao menos por um tempo, somente à literatura, colocando-a no centro de sua vida.

Referências

BAKER, Carlos. *Hemingway, o romance de uma vida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. Tradução de Álvaro Cabral.

BRADBURY, Malcolm. As cidades do modernismo. In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James. *Modernismo: guia geral: 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Tradução de Denise Bottmann.

_____. *O romance americano moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

BEACH, Sylvia. *Shakespeare and Company – Uma livraria na Paris do entre-guerras*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

BROM, Weber. *Sherwood Anderson*. São Paulo: Martins, 1966.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

COHEN, Milton A. *Movement, Manifesto, Melee: The Modernist Group, 1910-1914*. Oxford (Inglaterra): Lexington Books, 2004.

FITCH, Noel Riley. *Sylvia Beach and the Lost Generation: a History of Literary Paris in the Twenties and Thirties*. Nova York: W. W. Norton and Company, 1983.

GALANTIÈRE, Lewis. 'There Is Never Any End To Paris'. *New York Times*, 10 de maio de 1964. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/books/99/07/04/specials/hemingway-moveable.html>>. Acesso em: 23 maio 2015.

HEMINGWAY, Ernest. *O sol também se levanta*. Tradução de Berenice Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. *Paris é uma Festa*. Tradução de Ênio Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

_____. *Tempo de Viver*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

HOMBERGER, Eric. Chicago e Nova York: duas versões do modernismo americano. In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James. *Modernismo: guia geral: 1890-1930*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MORAES, M. A. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: históricos e alguns pressupostos. *Patrimônio e Memória*, Unesp, FCLAs, CEDAP, v. 4, n. 2, p. 1-14, jun. 2009.

JOOST, Nicholas. *Ernest Hemingway and the little magazines: the Paris years*. Barre (EUA): Barre Publishers, 1968.

MILNE, Anna-Louise (Org.). *The Cambridge Companion to the Literature of Paris*. Cambridge: University Press, 2013.

REYNOLDS, Michael S. *The sun also rises, a novel of the twenties*. Woodbridge (EUA): Twayne Publishers, 1988.

SPANIER, Sandra; TROGDON, Robert W. (Org.). *The Letters of Ernest Hemingway. 1907-1922*. Cambridge: University Press, 2011. Vol. 1.

WISER, William. *Os anos loucos: Paris na década de 20*. Tradução de Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

Recebido em 20/04/2015.

Aceito em 21/06/2015.